



Palácio Anchieta antes das reformas do início do século XX. A torre menor corresponde ao vão de entrada que se vê na imagem seguinte.



Vista parcial do aspecto atual do Palácio Anchieta.



Vista frontal do arco após a demolição parcial da parede do segundo pavimento.



Vista do arco com o emparedamento.



Vista do arco com perda de ornamentação (notar marca de coloração cinza mais claro) e fuligem na parte de baixo (cinza mais escuro). É possível identificar também desgaste superficial da argamassa ornamental branca.



Detalhe de perdas da parte baixa, mostrando alvenaria. Os pontos pretos na argamassa cinza mostram a presença de carvão.



Parte do arco bastante recoberta por fuligem.



Notar fuligem e fissuras na argamassa decorativa branca.



Vista tangencial das argamassas evidenciando o desprendimento da ornamentação do substrato.



Vista de da estratigrafia das argamassas, a esquerda argamassa de nivelamento no meio (cinza), argamassa de base; a direita (branca) argamassa decorativa fitomorfa.



Limpeza mecânica com trincha para remoção de fuligem e poeira.



Vista do esgrafito após a limpeza mecânica.



Restaurador Marco Polo aplicando a resina Paraloid B72 para consolidação superficial.



Consolidação do substrato cinza com resina polivinica.



Consolidação do substrato cinza com resina polivinica.



Início do faceamento executado pela restauradora Márcia Braga com CMC e tecido de nome comercial Fisilina.



Vista do arco com faceamento, inclusive no friso lateral.



Vista do escoramento com proteção prévia de espuma.



INTRODUÇÃO

O palácio Anchieta é um exemplo de edificação que sofreu diversas transformações ao longo de 5 séculos de existência. Pode mesmo ser considerado como um representante da história da arquitetura brasileira de edifícios pertencentes ao poder vigente. Inicialmente uma construção jesuíta, hoje abriga o governo estadual do Espírito Santo. Sua feição eclética atual reveste estruturas de cal e pedra. No processo de reforma e restauração iniciado em 2004, foi descoberto um arco emparedado com decoração em esgrafito. O arco está localizado na parte mais antiga da edificação, mas não por isso pode-se garantir a data da sua execução.

RESUMO HISTÓRICO DO PALÁCIO ANCHIETA

Em 1551 é construída a igreja de São Tiago pelo padre jesuíta Afonso Brás. Em 1584, padre Anchieta dá continuidade às ampliações ocorridas anteriormente em função da necessidade de se aumentar o espaço para os fiéis e também por conta de incêndios ocorridos. Em 1647, a residência dos clérigos é transformada em colégio. No século XVIII, outras alas são construídas concluindo a quadra. Em 1760 os jesuítas são expulsos do Brasil. Novo incêndio ocorre ainda neste século, quando também é construída a segunda torre e o prédio é adaptado para uso administrativo do governo da província. No século XIX são feitas novas reformas, mas é no início do século XX que o engenheiro francês Justin Norbert promove uma grande obra que remodela o palácio para o estilo eclético. Em 1983 o palácio Anchieta é tombado pelo Conselho Estadual de Cultura. Em 2004 iniciam-se as obras ainda em curso de adaptação do palácio a um museu da cidade, mantendo sua função administrativa. O arquiteto Jeferson Dantas Navolar (autor do desenho acima, com a evolução cronológica do imóvel) foi o responsável pelas fachadas e a arquiteta Leila Scaf Rodrigues pelo seu interior.

TÉCNICA DO ESGRAFITO

O arco em esgrafito encontra-se emparedado num corredor paralelo ao sentido longitudinal do que hoje é o Salão Afonso Brás e originalmente a nave a igreja. Tem aproximadamente 60cm de largura. Sua altura total é de 6 metros e é composto de um arco pleno com paredes de 3 metros de altura.

De origem árabe, a técnica do esgrafito foi bastante desenvolvida na Itália e em outros países europeus. É identificada em Portugal desde o século XIV. Trata-se de uma técnica afresco porque é executada enquanto as argamassas ainda não secaram totalmente.

A alvenaria recebe uma primeira camada de argamassa de base e esta deve ser nivelada. Na forma tradicional, segue-se a aplicação de uma segunda camada de argamassa misturada com carvão para dar uma coloração acinzentada. Normalmente esta camada tem superfície ligeiramente rugosa. Em seguida é aplicada uma argamassa predominantemente de cal e sua superfície é mais lisa. Por cima deste estrato o desenho é colocado sobre a argamassa ainda não totalmente seca e é reproduzido seja pela técnica do *spolvero* ou incisão. Em seguida esta argamassa externa é removida parcialmente, deixando à mostra a argamassa subjacente de coloração diferente. O desenho é então reconhecido principalmente pela variação de cor, mas também pela diferenciação de textura e brilho das argamassas, assim como pelo relevo decorrente da espessura da argamassa retirada.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

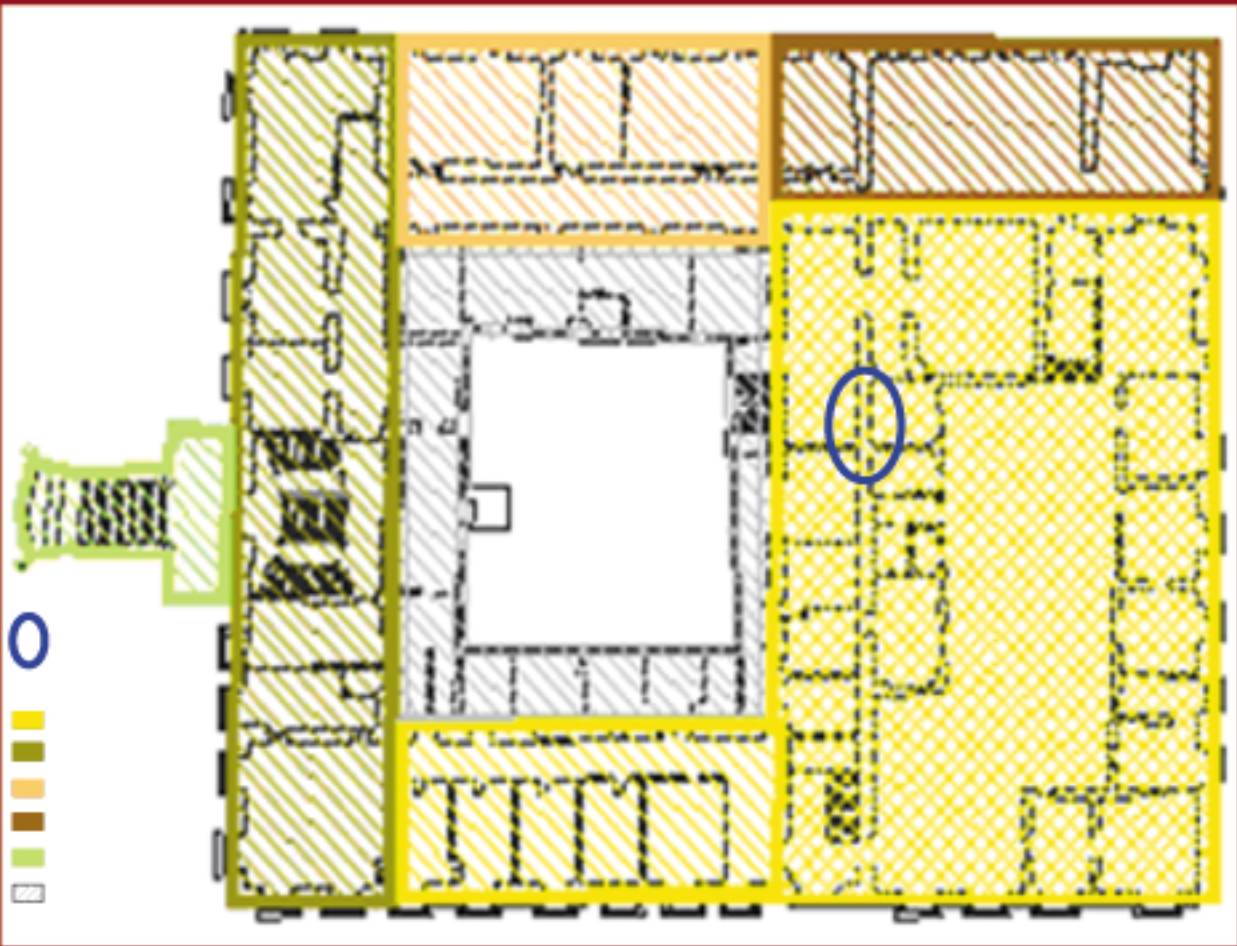
O arco descoberto durante o início da demolição de uma parede no palácio Anchieta apresentava duas situações distintas. As superfícies laterais retas e de aproximadamente 3 metros de altura tinham muitas perdas em todos os estratos argamassados, restando aproximadamente somente 10% do esgrafito. Já o arco superior apresentava perda de em torno 20% da decoração. Grandes áreas com fuligem eram visíveis principalmente no arco e na parede de fundo.

Duas hipóteses podem ser consideradas para explicar a diferenciação do estado de conservação do arco e das paredes:

- 1) o arco é um arco de descarga da alvenaria, sendo assim é parte estrutural e conseqüentemente mais resistente a impactos do que as paredes;
- 2) as marcas de fuligem no arco e na parede de fundo sugerem que o fogo tenha acontecido na parte mais baixa desta estrutura.

METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO

O objetivo desta intervenção foi de assegurar a integridade da decoração diante da continuidade dos trabalhos de demolição das alvenarias contíguas. Inicialmente foram feitos testes nas partes inferiores das paredes, onde as perdas eram graves.



Obs. Antes de iniciarem os trabalhos de consolidação foi executada uma limpeza mecânica com trinchas macias para remoção de fuligem e poeira.

- 1) Aplicação a pincel de resina Paraloid B72, diluída a 10% em xilol, para garantir a consolidação superficial;
- 2) Injeção de resina PVAc (polivinil acrílico da marca Cascorez), através de seringas de 20ml com agulha. Estas injeções foram localizadas nas fissuras, rachaduras e em locais com som cavo.

No dia seguinte, após a secagem total dos produtos, estes testes se mostraram eficientes. Neste dia iniciaram os mesmos trabalhos no arco, com prévia limpeza a seco da fuligem. Felizmente, como foi mencionado anteriormente, este local apresentava poucos locais de som cavo, assim como um menor número de fissuras e rachaduras. Em seguida foi aplicado o faceamento em todo o arco com a cola CMC (carboxi-metil-celulose), que tem pH neutro e é facilmente removível, desde que a superfície tenha boa integridade, o que foi garantido com a aplicação prévia da resina Paraloid B72.

O tecido escolhido para o faceamento tem trama sem direção predominante, o que também era necessário para acompanhar a variação do relevo. Seu nome comercial é Fisilina.

A mesma metodologia (consolidação superficial, injeção de adesivo e faceamento) foi executada nas áreas de argamassa cinza remanescentes das paredes.

Para finalizar, foi executado pela equipe da obra o escoramento de todas as superfícies do arco e paredes da seguinte maneira:

- 1) Proteção inicial de espuma de 2cm de espessura em todas as superfícies;
- 2) Colocação de chapa de madeirite de 4mm estruturada com sarrafos, também em todas as superfícies;
- 3) Sustentação desta proteção através de peças de madeira.

OBSERVAÇÕES

A parede de fundo do arco aparenta ter sido executada no mesmo momento da decoração do esgrafito devido a características idênticas de argamassa de base (que recebe a argamassa acinzentada) e os mesmos tijolos da alvenaria do arco de descarga.

Foram identificados alguns traços verticais nas partes superiores desta parede, o que pode ser interpretado como uma marcação para locação de algum elemento decorativo a sua frente, ou mesmo uma moldura pintada.

Diante deste fato, e também para garantir melhor estabilidade ao esgrafito, recomendamos a não remoção desta parede, o que foi aceito pelo atual projeto de interiores.

Estes trabalhos foram executados pela arquiteta restauradora Márcia Braga em conjunto com o restaurador Marco Polo lack da Mota.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia aplicada foi adequada à necessidade de uma consolidação eficiente frente aos impactos de demolições em seu entorno. Foi cogitada a consolidação com água de cal, porém defendemos a opção executada porque nos pareceu mais eficiente dentro desta circunstância.

A técnica do esgrafito em argamassas não é muito comum no Brasil, mas há variantes menos sofisticadas em diversos cantos da cidade de Paraty, no estado do Rio de Janeiro.

Nossa proposta de restauração, ainda por ser executada este ano, será de remoção do faceamento, revisão da pré-consolidação, finalização da limpeza superficial, abertura e fechamento de trincas e rachaduras e reintegração cromática. Acompanharão este trabalho algumas análises de traço argamassas.

FICHA TÉCNICA

ENDEREÇO

Praça João Climaco, s/nº - Centro - Vitória - ES

CONTRATANTE

Fundação Promar

SITUAÇÃO

Execução concluída

DATA DO PROJETO

Início do projeto

DATA DO PROJETO

fevereiro de 2007

ÁREA TOTAL DA INTERVENÇÃO

10,80m²

PRANCHA

1 / 2



CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE ARGAMASSAS ESPECIAIS

CONSERVAÇÃO DO ARCO EM ESGRAFITO NO PALÁCIO ANCHIETA

Responsável técnica: Márcia Braga - arquiteta e restauradora